

A PRAÇA DA REPÚBLICA E SEUS ASPECTOS MORFOLÓGICOS NO DESENHO DA PAISAGEM DE BELÉM

Rubens de Andrade

*Paisagista EBA/UFRJ, mestre em arquitetura PROARQ/
FAU/UFRJ, professor de História da Arte e de História dos
Jardins, da Escola de Belas Artes/UFRJ.*

Vera Regina Tângari

*Arquiteta, docente e pesquisadora da FAU/DPA/
PROARQ/UFRJ, doutora pela FAUUSP.*



PROJETO -

RESUMO

A Praça da República é uma das principais áreas livres públicas que a cidade de Belém possui. Localizada próxima ao centro histórico, esse espaço se tornou, desde meados do século 19, uma forte referência para a organização urbana da cidade e um marco simbólico de um período promissor da capital paraense. Conhecida originalmente como Largo da Pólvora, a área passou por significativas transformações em sua estrutura morfológica, sendo a principal no período do intendente Antônio José Lemos, entre 1897 e 1912. Este ensaio pretende estudar a praça, traçando um panorama histórico da mesma e analisando suas principais características morfológicas no início do século 20 e a estrutura que caracteriza, atualmente, seus espaços.

ABSTRACT

Republic square is one of the main public free areas that Belém has. Located next to the historical center, this area has become a reference to the urban organization of the city and a symbolical mark of a promising period of Pará capital since middle 19th century. Known originally as Largo da Pólvora, the area went through significant changes in its morfological structure, being the most important during officer Antônio José Lemos's period between 1897 and 1912. This experiment intends to study the square, outlining a historical panorama and analysing its main morfological characteristics in the begining of the 20th century and the structure that distiguishes its areas nowadays.

A PRAÇA DA REPÚBLICA E SEUS ASPECTOS MORFOLÓGICOS NO DESENHO DA PAISAGEM DE BELÉM

Contextualização Histórica

A cidade de Belém, nos últimos anos do século 19 e no primeiro decênio do século 20, assinalou mudanças radicais em sua estrutura urbana e paisagística. Os esforços efetivos dos intendentess que a administraram, principalmente Antônio José de Lemos, no período que se estende de 1897 a 1912, foram fundamentais para a reorganização urbana e a remodelação de sua paisagem. Tais mudanças foram delineadas por meio de diretrizes que trouxeram importantes benefícios para a nova configuração urbana da cidade.

Entre as medidas tomadas, destacamos a definição de obras de melhoramentos urbanos, na qual a inserção de espaços livres públicos projetados era uma das principais metas a serem alcançadas.

Observando-se a nova imagem que a cidade vinha, paulatinamente, adquirindo, percebe-se que existia, nas obras de melhorias urbanas da Intendência Municipal, uma orientação bastante definida no sentido da transformação da paisagem da área central de Belém. Em linhas gerais, as medidas tinham, entre outros objetivos:

1. Constituir uma paisagem mais organizada e compatível com a importância que a cidade vinha adquirindo no cenário nacional, devido ao franco comércio da borracha;
2. buscar alternativas para amenizar as condições climáticas que a cidade apresentava, com a profusa inserção do estrato arbóreo em sua malha urbana;
3. oferecer à sociedade uma melhor condição de saúde física e mental, com a criação de espaços livres públicos para o seu usufruto.

De acordo com análises baseadas nos Relatórios Municipais da Intendência e na iconografia do referido período (1897-1912), as transformações urbanas que Belém experimentou mostram-nos uma nova paisagem urbana consolidando, praticamente, as reformas impetradas por Antônio Lemos e equipe entre 1900 e 1912.

Ao estudarmos a reconstrução do espaço urbano de Belém no período em questão, constatamos, além do atendimento dos três objetivos anteriormente citados, uma franca inspiração na ideologia das reformas urbanas ocorridas em diversas cidades capitais no Brasil e na Europa, em particular na cidade de Paris do período de Haussmann (1853-1870). No caso de Paris, seria apropriado recordarmos a historiadora Sandra Jatahy Pesavento quando destaca a importância e os “ecos” que as reformas urbanas de Paris alcançaram nas últimas décadas do século 19 em diversas cidades da Europa e do continente americano. A autora lembra que *“Haussmann fixa uma imagem e consolida um mito: Paris, metrópole do século XIX. Sua prática de intervenção urbana foi, ao mesmo tempo, continuidade e renovação, que deixou marcas visíveis no traçado urbano, cristalizando uma imagem visual de metrópole.”*¹

Na América do Sul, Buenos Aires² se tornou fonte de inspiração para algumas obras em Belém. Essa metrópole latino-americana era freqüentemente lembrada pelo intendente em seus relatórios anuais, por ser uma cidade, possuidora de uma ideologia de reformas urbanas perfeita para servir de modelo às obras que sua administração municipal pretendia, de forma sucessiva e gradual, implementar na estrutura urbana de Belém³. Diante deste panorama, concluímos: Belém é mais um exemplo de cidade no Brasil em que a transposição de uma ideologia externa da forma urbana tornou-se o ponto de apoio e de partida para as reformulações urbanas a que a cidade seria submetida. Neste caso, sob a égide da administração de Antônio Lemos.

Os parâmetros anteriormente mencionados demonstram, em parte, as perspectivas traçadas pela nova ideologia política das reformas urbanas impetradas pela administração municipal. Porém, apesar de

(1) PESAVENTO. Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: Visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universitária, 1999. p. 98.

(2) Lembramos que Buenos Aires, da mesma forma que outras cidades do continente americano e mesmo do europeu, estava circunscrita às reformulações ocorridas em Londres e principalmente em Paris.

(3) *“Ainda uma vez ser-me-á consentido fazer notar que não é raro os poderes públicos têm necessidades de empregar meios de extrema energia, no interesse do embelezamento urbano. Como exemplos, citarei apenas o proceder de Haussmann, em Paris, cujos esforços a grande capital francesa deve a transformação de inúmeros bairros; e as medidas usadas pela municipalidade de Buenos-Aires, para obrigar á construção de palácios na Avenida de Maio. A edilidade da famosa capital Argentina, ao tempo que institua prêmios(...), votava também na sua legislação medidas fixando prazos para reedificação na citada artéria. Quem não tinha dinheiro para edificar dignamente, vendia o terreno. Assim ficou a Avenida de Maio, em poucos annos, toda ornada de sumptuosos palácios. Os serviços levados a cabo pela iniciativa pública valorizavam a propriedade particular. Sobejá razão, portanto, para que o capital corresponda aos esforços e sacrificios administrativos, dando a seus prédios apparencia não destoante do aspecto correcto, asseiado, solenne, dos parques, avenidas e praças.”* (Lemos, 1902, p. 83)

a cidade já mostrar indício de significativas transformações em seu espaço urbano, a paisagem que a configurava ainda transmitia para alguns segmentos da sociedade daquele período (políticos, elite gomífera, etc.), a idéia de um local “atrasado”, alijado das benesses oferecidas pelo mundo moderno. Outro ponto importante, que em nosso juízo também clarifica esta questão, refere-se à proximidade da cidade à mata nativa. Pelos relatos encontrados de viajantes e, até mesmo, pela iconografia remanescente do século 19, parece-nos bastante patente a idéia da floresta amazônica ser um elemento indissociável da cidade até meados do século 19. Entretanto, a ideologia das obras de melhoramentos urbanos que permeou o pensamento da administração pública, buscou de um modo particular, redesenhar uma nova paisagem, a partir da última década do século 19, que viesse a estabelecer uma relação bastante definida entre a paisagem organizada que começava a ser construída e a paisagem existente, adjetivada neste trabalho como “paisagem primitiva”⁴. A nova paisagem em construção tinha como argumento e como meta a ser alcançada múltiplos caminhos traçados, entretanto, embora não seja objetivo deste ensaio enumerá-los, esclarecemos que os mesmos traziam em si o ideal de construir em Belém uma paisagem moderna em total sincronismo com o desenho da paisagem que reproduziu em cidades como Paris, Buenos Aires ou Rio de Janeiro a idéia de grandes metrópoles desenvolvidas, prósperas e, antes de tudo, modernas.

Observamos que as expressivas alterações que se efetivaram no contexto urbanístico de Belém, com a ampliação da malha urbana, o surgimento de novos bairros, a inserção de grandes espaços livres públicos no tecido urbano, o alargamento de ruas e avenidas, a introdução significativa do estrato arbóreo em suas vias públicas, entre outros, não imprimiu na paisagem de Belém um abrupto rompimento entre o ambiente em construção e o ambiente que anteriormente caracterizava a paisagem da cidade e que denominamos anteriormente de *paisagem primitiva*. Ainda, buscando melhor caracterizar esse contexto, recorremos a Hugo Segawa que, em seu

(4) Esclarecemos que a idéia aqui trazida de “paisagem primitiva” não traz em si uma *classificação da paisagem*, a frase se limita apenas a criar uma idéia de uma paisagem que ainda não havia sido submetida a uma organização metodológica de seu espaço urbano. Observamos que, praticamente, a floresta amazônica perpassava as áreas urbanizadas de Belém em plena segunda metade do século 19. Diversos viajantes desse período deixaram uma clara visão de uma cidade circundada pela floresta. O viajante Henry Walter Bates que esteve em Belém entre os anos de 1848 e 1859, registrou a seguinte impressão: “... A floresta que cobre toda essa região, estende-se até junto às ruas da cidade. Esta foi efetivamente construída em terra desbravada e é mantida livre da invasão da selva pelos cuidados incessantes do governo”. (Bates apud Segawa, 1986, p. 193).

livro *Ao amor público: Os jardins no Brasil*, esclarece que Belém era uma cidade “em que a natureza se fazia persistente na paisagem urbana”⁵, entretanto “a ação do Intendente Lemos veio reforçar esse caráter com a arborização e/ou substituição de árvores nos logradouros públicos – grandes avenidas, praças, ruas e travessas – de maneira sistemática”.⁶

Entre os diversos espaços livres públicos existentes em Belém, criados ou remodelados pela administração de Antônio Lemos, escolhemos estudar a Praça da República, pois a paisagem que hoje a caracteriza é um exemplo significativo da consolidação das obras de melhoramentos do início do século 20. Observamos que a política adotada pela Intendência Municipal atingiu nessa área o âmago dos objetivos que foram traçados.

A Praça da República e sua Estruturação Morfológica no Início do Século 20

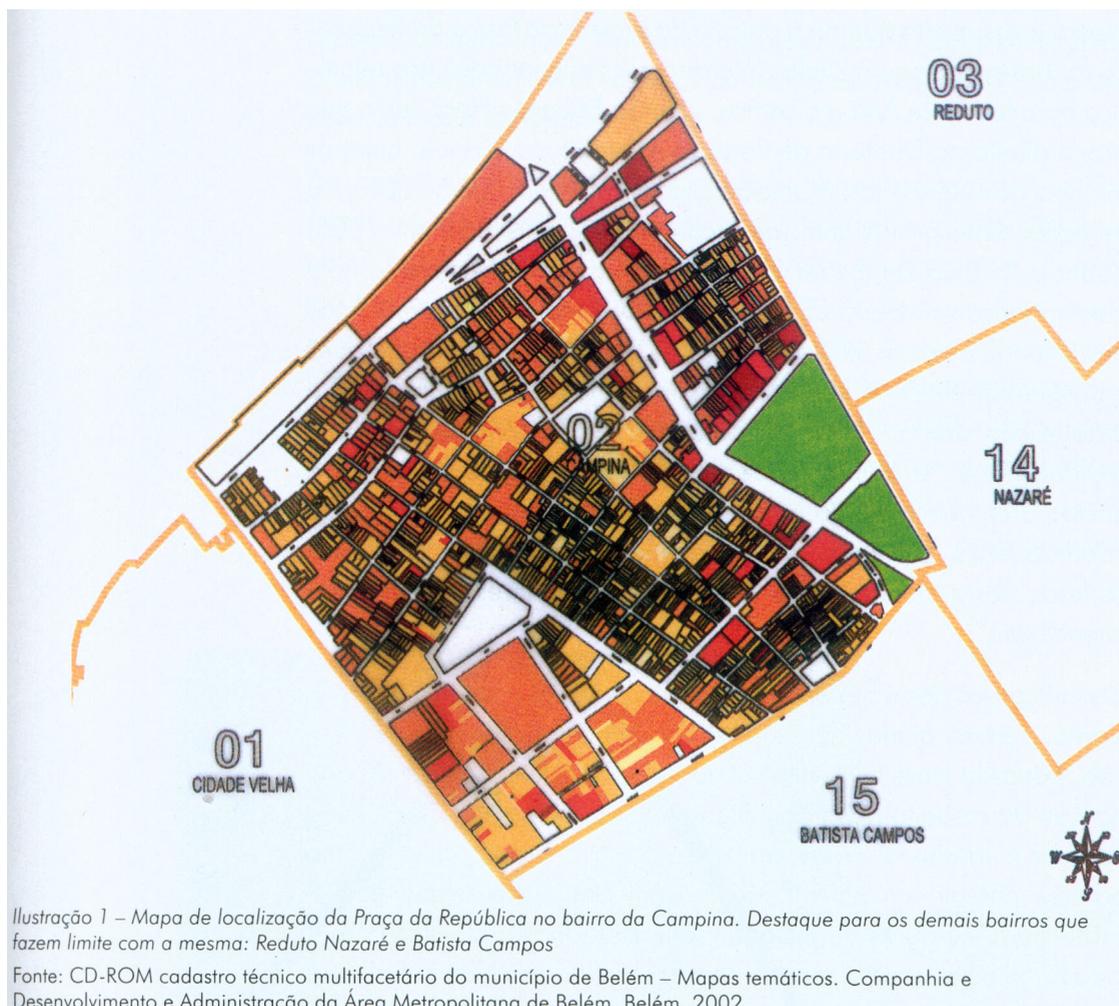
A Praça da República é um espaço livre público, importante na cidade de Belém, possuindo grande destaque devido a seu alto grau de significação histórica. Ela assumiu ao longo dos anos um expressivo *status* no desenho da paisagem urbana da cidade. O projeto adotado, a estética que seus jardins adquiriram, o equipamento urbano nele inserido, as formas da disposição do estrato arbóreo, o modo como a sociedade usufruiu de seus espaços, as manifestações que nele ocorreram, entre outros, elevou a praça à categoria de símbolo de um desenvolvimento urbano que marcou a cidade na primeira década do século 20.

Essa área, desde o final do século 19, demonstrava em seus aspectos físicos (traçado, mobiliário urbano, paisagem desenhada em seu entorno, significados, etc.) a materialização de uma perspectiva que refletia, nas formas que os espaços adquiriram, uma ideologia da forma urbana inspirada em uma matriz européia.

Entretanto, apesar desse diversificado quadro de formas, linhas, hábitos, que se espelharam sob o espaço da praça no final do século 19, a mesma não sustentou, necessariamente, o mesmo modelo que havia inspirado seus idealizadores.

(5) SEGAWA, Hugo. *Ao amor público: Os jardins no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, 1986, p. 198.

(6) Idem.



O entorno imediato da praça fazia limite com os bairros de Batista Campos, Nazaré e Reduto (Ilustração 1), bairros estes que em um curto espaço de tempo adquiriram um relevante destaque no cenário urbano da cidade, principalmente em virtude da forma como se deu a sua ocupação, em geral, por segmentos da sociedade de maior poder aquisitivo.

As obras de infra-estrutura, que ocorreram ainda na década de 90 do século 19, foram apenas o início da redefinição morfológica que a área da praça começava a adquirir. O passo seguinte esteve relacionado à linha que deveria caracterizar o desenho da praça, praticamente efetuado no início do século 20, provavelmente por volta de 1901. Porém, antes de determo-nos a uma análise mais detalhada das características formais que compõem a praça, gostaríamos de chamar a atenção para a autoria do projeto.

Nosso pressuposto quanto à autoria do projeto da Praça da República foi baseado nos múltiplos interdiscursos encontrados nos relatórios do intendente Antônio Lemos, citando Eduardo Hass como seu braço direito na Diretoria de Parques e Jardins da Cidade. Entre os trechos dos Relatórios Municipais que enfatizam, com louvor, a atuação deste profissional, destacamos um, registrado em 1905, quando Antônio Lemos fez a seguinte afirmação: *“Acham-se hoje concentrados sob a alçada do Sr. Eduardo Hass, activo e mui hábil profissional, todos os serviços referentes aos jardins, praças, parques e bosques de Belém e subúrbios, assim como o Horto Municipal e a arborização urbana”*⁷. No relatório de 1906, continua Lemos a reafirmar que *“o admirável desenvolvimento de nossas praças é devido à competência do activo Director dos Parques e Jardins, sr. Eduardo Hass, que tanto tem contribuído para o maior brilho das bellezas desta cidade. Nélle vejo um dos melhores auxiliares da Intendência”*⁸.

Os indicativos deste pressuposto não se resumem aos fatos expostos acima. Temos, ainda, outras ocorrências que apontam nessa direção. Eduardo Hass tinha uma ação bastante intensa e diversificada no que diz respeito aos trabalhos realizados perante a Diretoria de Parques e Jardins. A nosso ver, além dessa prerrogativa, o mesmo parecia possuir um contato direto com Antônio Lemos e acesso privilegiado às obras de melhoramentos urbanos propostos para a cidade, principalmente, no que competia à sua pasta de trabalho. A proximidade do poder e, em contrapartida, a importância que a intendência demonstrava atribuir às propostas trazidas por aquela diretoria, parece-nos ter incentivado, sobremaneira, Eduardo Hass, a materializar na paisagem da cidade, mediante seus “projetos paisagísticos”, a ideologia reformadora que Antônio Lemos e equipe concebera para Belém.

Encontramos, ainda, um importante registro relacionado a uma viagem, à Europa, de Eduardo Hass, subsidiada pela intendência. Essa viagem durou aproximadamente quatro meses e teve, entre outros objetivos, a intenção de Eduardo Hass *“aparelhar-se de elementos modernos para o aformoseamento de nossa capital”*⁹. Com esse dado, acreditamos que fica ainda mais patente nossa

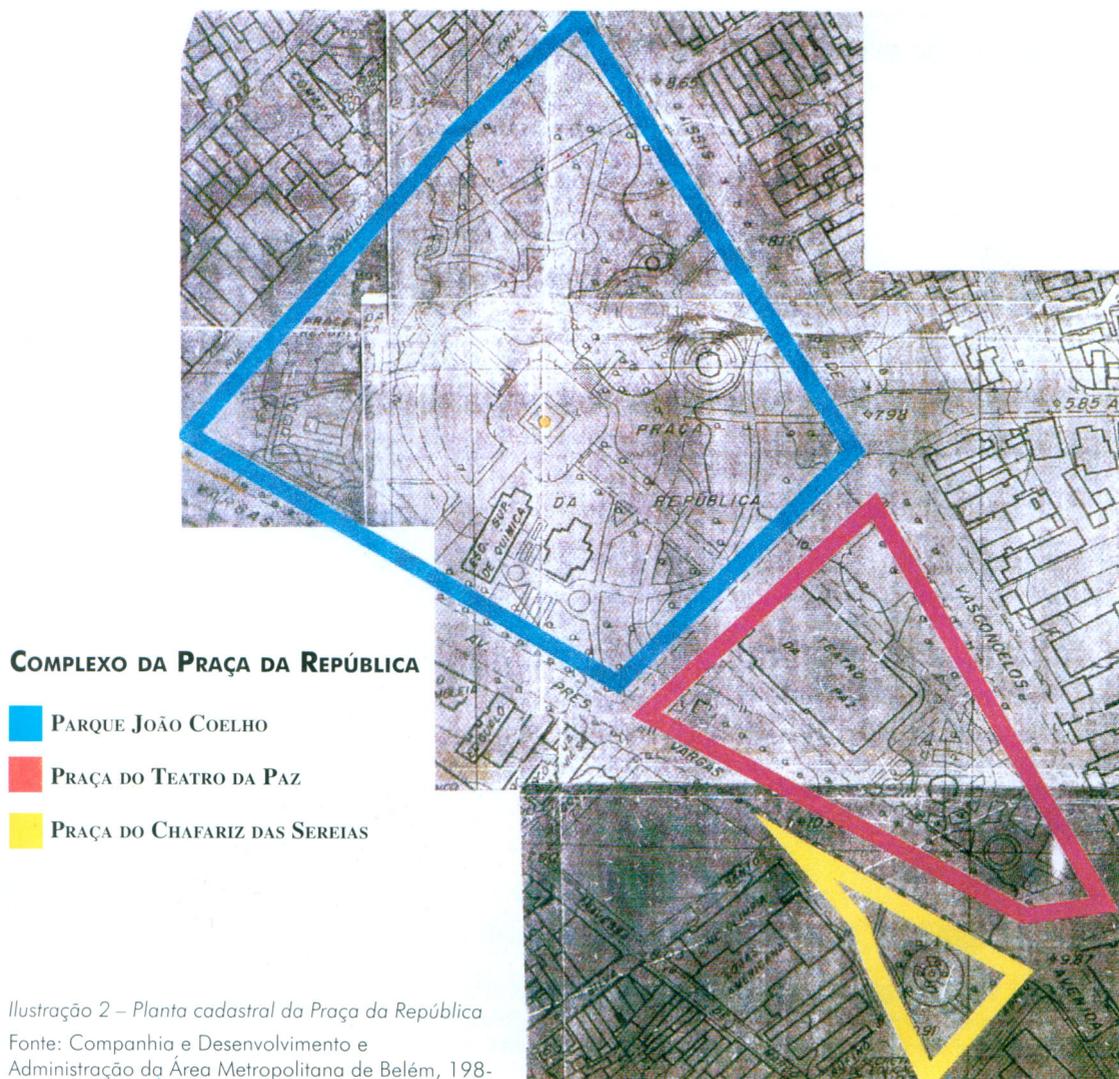
(7) LEMOS, Antônio José de. *O município de Belém. Relatório apresentado ao do Conselho Municipal de Belém capital do Pará 1904*. Belém: A. A. Silva, 1905. p. 258.

(8) *Idem*, 1906, p. 194.

(9) *Idem*. p. 194.

proposição que lança a hipótese de o mesmo ser o responsável pelos projetos das áreas livres públicas de Belém nesse período, em particular, a Praça da República.

Ao analisarmos a Praça da República, observamos que uma das principais características apresentadas refere-se à sua estrutura morfológica (Ilustração 2). A ampla área foi, praticamente, dividida em três quadriláteros de tamanhos distintos, sendo as duas áreas maiores seccionadas por uma rua e uma área menor separada por uma avenida que circundava a praça. Vale a pena observar que essa fragmentação do espaço, necessariamente, não seguiu uma ordem prevista por um projeto. Constatou-se que as ruas e avenidas existentes, praticamente, já haviam se adaptado à estrutura da praça, com seus fluxos de veículos e de usuários e, até mesmo, à arborização adotada para o espaço.



Essas características inscreveram morfologicamente na área a idéia de três espaços distintos destacando-se entre si, não apenas pelos fortes elementos estruturais que serviam como limites do espaço, no caso uma rua diante do teatro, a avenida da República, hoje avenida Presidente Vargas e pela arborização periférica, mas também pela forma como foram desenhados todos os componentes da praça, como o próprio traçado de suas alamedas e vias de passeio, a composição dos jardins e dos elementos de mobiliário urbano nela edificadas.

A nosso juízo, as dimensões dos espaços foram a condição principal para se criar uma certa hierarquização do “projeto paisagístico” proposto para a praça, uma vez que o quadrilátero de maiores proporções, conhecido na época como Parque João Coelho, obteve um projeto, em linhas gerais, mais elaborado.

A pseudo-autonomia que caracterizou os três quadriláteros acarretou uma série de diferenciações para cada um dos espaços, em virtude do traçado, da proporcionalidade, da simetria, dos pontos pitorescos, entre outros elementos presentes nos mesmos. Porém, apesar desse demonstrativo de uma clara autonomia espacial entre as áreas, percebe-se que a vegetação de porte arbóreo progressivamente implantada – seja na periferia, na forma de aléias, seja no interior da praça, em grandes massas – foi um importante elemento integrador das três áreas, conforme pode ser visto na Ilustração 3. Por meio dos conjuntos de diferentes diâmetros, portes, cor e textura, criaram-se ritmos diferenciados e conferiu-se uma forte unidade à paisagem da praça.



Ilustração 3 – Vista de 1906 do Complexo da Praça da República após as reformas de 1902. Em primeiro plano a Praça das Sereias, à direita a Praça do Teatro da Paz e posteriormente o Parque João Coelho. Observa-se que nesse período o estrato de porte arbóreo formado em sua maioria por mangueiras já se mostrava consolidado

Fonte: Relatório Municipal de Belém, 1906

A proposta do traçado que formou o desenho do Parque João Coelho, o maior dos quadriláteros, revelou-se mais requintada, com destaque para dois importantes elementos que já estavam incorporados à paisagem da praça. O primeiro estava relacionado ao monumento à República e, o segundo, ao Teatro da Paz. Neste sentido, esclarecemos que foi traçada uma alameda perpendicular ao Teatro da Paz, que praticamente estava alinhada ao monumento à República¹⁰, configurando talvez um reflexo distante e descontextualizado de uma idéia inspirada em um modelo de jardim barroco francês.

Entretanto, é mais marcante no projeto da praça a escolha do monumento à República como o ponto de partida para a definição dos eixos cartesianos, dividindo o espaço em quadrantes praticamente proporcionais. A visível intenção de proporcionalidade conferida aos quadrantes, provavelmente, foi uma manifestação das disciplinadas normas de equilíbrio, simetria e perfeição dos modelos de jardins renascentistas dos séculos 15 e 16¹¹, pois, tais parâmetros ainda eram tidos como “regras” para composição de jardins, em pleno século 19, em diversas capitais do Brasil.

Analisando a utilização de desenhos distintos para cada quadrante, percebemos que os mesmos intercalaram, na forma dos canteiros e alamedas, linhas sinuosas e retilíneas partindo de uma elipse que perpassava todos os quadrantes. Concluimos que o uso de modelos diferenciados de jardins para composição do traçado da praça, neste caso específico, a configuração do passeio periférico, a elipse com seus caminhos impermeabilizados, seus grandes gramados, canteiros e, ocasionalmente, a presença de recantos pitorescos (estruturados com fontes, espelhos d’água, pavilhões, coretos, etc.), estabelece um padrão estilístico que espelha, sobre a praça, características que perpassam por características de variados modelos de jardins (ver ilustrações 4, 5 e 6), com a presença de elementos que se reportam aos modelos dos jardins italiano, francês ou inglês.

Outro ponto a ser considerado no Parque João Coelho refere-se ao equipamento urbano utilizado, que constava de pavilhões de ferro, em sua maioria, importado da Europa, esculturas, bancos e outras estruturas arquitetônicas construídas em alvenaria como pontes, obeliscos, espelhos d’água, escadarias, etc., que variavam em estilos arquitetônicos.

(10) Observamos que o Teatro da Paz foi inaugurado no ano de 1878 e o monumento à República foi erigido entre os anos de 1895 a 1897.

(11) FARIELLO, Francesco. *La arquitectura de los jardines: De la antigüedad al siglo XX*. Madri: Celeste Ediciones, 2000. p. 99.



Ilustração 4 – Panorama da Praça da República, antigo Largo da Pólvora por volta de 1906, com os primeiros traçados de passeios seguindo a forma elíptica e o traço axial que estruturou os quadrantes do Parque João Coelho. Observa-se a massa vegetal arbórea periférica e os passeios perimetrais já que constituíram elementos definidores do espaço

Fonte: Belém da Saudade, 1998



Ilustração 5 – Parque João Coelho: Perspectiva a partir do Teatro da Paz. A alameda traçada perpendicular ao mesmo, alinha-se com o monumento à República. Visão que insinua os grandes eixos e avenidas que formalizavam o jardim à francesa, aqui traçados em uma escala infinitamente menor

Fonte: Belém da Saudade, 1998



Ilustração 6 – Boulevard lateral a Praça da República, características do modelo europeu no traçado da avenida com canteiro central. Atualmente esta avenida se denomina Assis de Vasconcelos e praticamente mantém as mesmas características do início do século 20

Fonte: Relatório Municipal de Belém, 1906

Os outros dois quadriláteros que formam a Praça da República têm características formais menos pronunciadas em relação ao Parque João Coelho (ver Ilustração 3). Observamos que a área em que foi edificado o Teatro da Paz já havia passado por reformas anteriores ao ano de 1901, com a definição de caminhos com revestimento impermeável, canteiros com jardins elaborados, esculturas, bancos e um pavilhão em ferro, sob uma base em alvenaria, edificado no local em 1896.

Além desses dois principais elementos, ainda encontramos no local uma edificação em alvenaria que é utilizada como bar. Este local se transformou em um importante ponto de encontro de artistas, intelectuais e boêmios da praça. A vegetação que estruturava esta área, praticamente, era a mesma do Parque João Coelho.

O quadrilátero menor (ver Ilustração 3) não possuía um nome específico. Ficou conhecido como a Praça do Chafariz das Sereias. O conjunto alegórico em ferro fundido, importado da Europa e que deu o nome à praça foi montado no ano de 1904, mesmo ano em que o Parque João Coelho passava por reformas radicais.

Breve Análise Morfológica da Praça da República Atualmente

Para melhor entender a estrutura morfológica da Praça da República, selecionamos alguns elementos que nos ajudam a descrever as atuais particularidades materiais e imateriais de seu espaço físico e de seu entorno imediato. Além desses aspectos buscamos identificar nos elementos remanescentes das obras da administração do intendente Antônio Lemos quais ainda estão presentes no espaço físico da praça.

O primeiro elemento a ser observado na estrutura morfológica da Praça da República refere-se ao seu traçado, pois a atual configuração do desenho da praça pouco ou quase nada se distanciou do traçado original. Seus caminhos sinuosos, conjuntos de grandes massas arbóreas, extensas áreas gramadas e todos os elementos formais continuam presentes em seus espaços. Há ressalvas importantes que devem ser feitas. Entre elas destacamos aquelas que se relacionam às significativas massas arbustivas as quais, no período de Antônio Lemos, demonstravam ser um dos elementos pitorescos da praça, mas que, atualmente, não mais estão presentes. Um outro elemento que marca uma mudança sensível no desenho da Praça da República se refere ao desaparecimento da rua que existia em frente ao teatro. Nos últimos anos esta passou por algumas alterações. A

primeira delas foi a transformação da mesma em rua de pedestres, pois o trânsito intenso de automóveis pesados, segundo estudos do órgão de preservação do patrimônio histórico da cidade, prejudicava a estrutura do Teatro da Paz. A segunda e última alteração transformou a rua em um espaço totalmente pavimentado com pedra portuguesa, fazendo praticamente desaparecer morfologicamente no espaço a antiga rua, e, por conseguinte, integrando as duas principais áreas da Praça da República¹².

Na Ilustração 7, observamos em uma primeira etapa, o nível hierárquico da malha viária da região, tanto das ruas e avenidas que cercam a praça como também as vias que convergem para a mesma. É importante destacarmos que estas vias têm fundamental importância no tráfego de veículos e na definição dos usos e apropriações desse espaço. Ainda, nesta ilustração, observamos os principais percursos de pedestres e o gabarito das edificações existentes em seu entorno.

Segundo as análises feitas na área, baseadas em fotos aéreas do local, definimos um diagrama de hierarquização das vias próximas à praça, que se subdividem em quatro categorias distintas:

1. **As vias primárias (cor vermelha):** Trânsito intenso, havendo inclusive tráfego de linhas de ônibus que vêm do subúrbio e atendem ao centro de Belém.

2. **As vias secundárias (cor verde):** Trânsito de carros de pequeno porte e, geralmente, não possuem um forte fluxo, tendo inclusive a presença de residências, fato este que não ocorre totalmente nas vias primárias, onde se encontra um expressivo porcentual de prédios comerciais.

3. **As vias terciárias (cor amarela):** Ruas, praticamente, com trânsito reduzido a táxis, viaturas de polícia e carros de entrega de valores.

4. **A via quaternária (cor magenta):** Criamos esta classificação para contemplar a antiga rua que cortava a praça em duas grandes áreas.

A Ilustração 7, também, remete-nos aos elementos construtivos, particularmente às edificações. Nas ilustrações 8 e 9, observamos o gabarito dos prédios e a frequência em que os mesmos ocorrem. Com esta decomposição de elementos procuramos traduzir alguns dos conflitos entre a paisagem construída e o suporte “natural”.

(12) Observamos que o desaparecimento da rua em frente ao teatro foi uma radical mudança na estrutura morfológica da praça, uma vez que não temos mais espacialmente configurado a idéia de três quadriláteros distintos, e sim de dois.



Principais vias

-  Vias principais (tráfego intenso)
-  Vias secundárias (tráfego reduzido)
-  Via interdita para automóveis
-  Pontos de táxis e carros de valores etc.

Uso de pedestres

-  Principais percursos
-  Áreas de permanência

Gabarito dos prédios

-  Até três pavimentos
-  Acima de três pavimentos

Ilustração 7 – Vista aérea da Praça da República constando um estudo da hierarquização da malha viária, definição da circulação e permanência de pedestres e gabaritos das principais edificações no entorno da praça

Fonte: CD-ROM Ortofotos. Cadastro Técnico Multifacetário do Município de Belém - Mapas Temáticos - Companhia e Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém - Codem. Belém, 1998



Ilustração 8 – Contraste entre a volumetria dos prédios modernos e o reduzido vestígio das edificações remanescentes do final do século 19 e início do 20. Destaque para a massa vegetal de porte arbóreo e o eixo central do Parque João Coelho que tem o monumento à República como marco referência

Fonte: Acervo do autor



Ilustração 9 – Torres residenciais de elevado gabarito que se tornaram um significativo anteparo para as brisas da Baía de Guajará

Fonte: Acervo do autor

A intensa verticalização, ocorrida nas últimas décadas e a adoção de projetos que conferiam um alto gabarito aos prédios, iniciou um acelerado processo de confinamento dessa área conforme pode ser observado na Ilustração 8, na qual temos uma vista panorâmica da Praça da República.

As edificações se tornaram grandes barreiras para a brisa proveniente da Baía de Guajará e do rio Guamá. Apesar desta tendência, ainda assim, a massa vegetal arbórea existente tem servido como um elemento de fundamental importância para a qualidade ambiental da área, uma vez que confere ao espaço consideráveis áreas sombreadas, além de imprimir um desenho rítmico na paisagem, com suas cores e texturas. Observamos que a maioria das espécies encontradas na área são mangueiras, mas ainda assim é possível registrar a presença de outras espécies como flamboyants, palmeiras imperiais, açazeiros, entre outras.



Analisando o binômio circulação e permanência, também indicado na Ilustração 7, analisamos alguns principais percursos existentes na praça e as áreas de estar. Destacamos por meio das ilustrações 10, 11 e 12 alguns panoramas em que a circulação é bastante expressiva, não somente ligando áreas importantes de ambos os lados da praça.

No aspecto relacionado à permanência se destacam as áreas gramadas, os coretos de ferro ou alvenaria. Todos esses elementos, adquirindo, com o passar dos anos, uma significativa importância para os moradores da cidade, transformando-se, portanto, em pontos de referência histórica, simbólica e afetiva (ver ilustrações 13 e 14).



Ilustrações 10, 11, 12 – Áreas de grande fluxo de pedestres na praça. Destaque para a Ilustração 11 onde temos uma visão da fachada principal do Teatro da Paz, inaugurado em 1878

Fonte: Acervo do autor

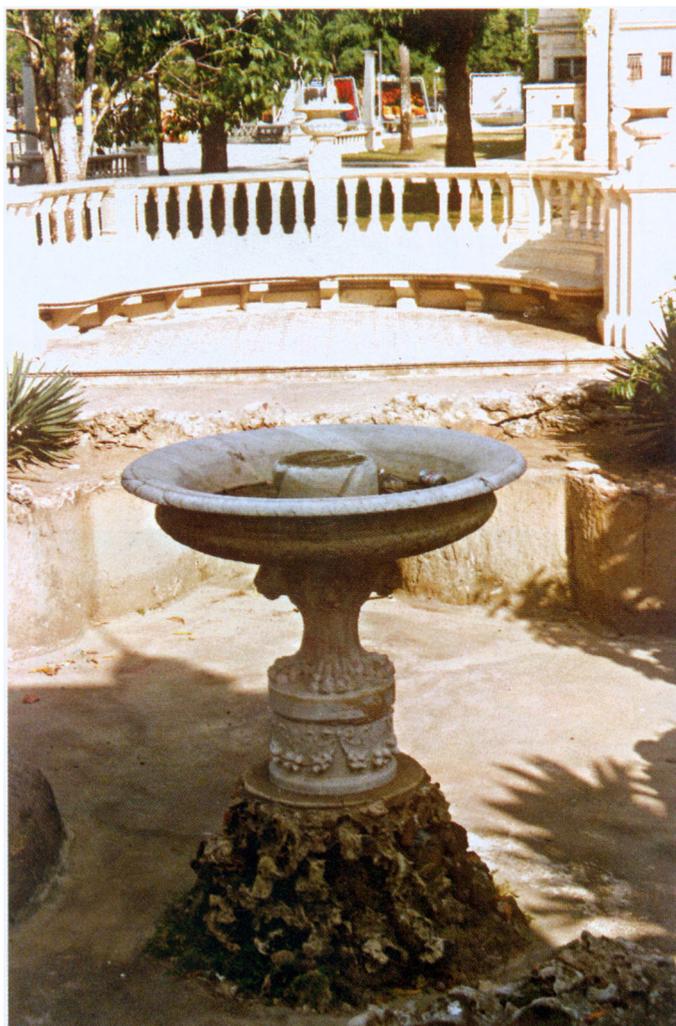




Ilustração 13 e 14 – Área gramada e mobiliário construído no início do século 20. Ambos bastante requisitados pelos usuários da praça, principalmente aos fins de semana para lazer ou apenas contemplação da paisagem

Fonte: Acervo do autor

Reconhecemos que o mobiliário original da praça já passou por inúmeras reformulações. Os fatores são os mais diversos, como o desgaste provocado pelo tempo, o vandalismo ou mesmo a inadequação de uso aos novos tempos. Apesar desta constatação, ainda assim, encontra-se um relevante número de mobiliário remanescente do período de Antônio Lemos. O mobiliário, devido à sua beleza estética e ao valor simbólico e afetivo tornou-se, com o passar dos anos, uma atração à parte para os usuários da praça que transformaram os recantos em que os mesmos estão localizados em áreas de intensa permanência.





Entre o mobiliário existente se destacam os monumentos como esculturas de ferro ou bronze, os pavilhões, as pontes, os postes de ferro e as áreas específicas de estar, com seus bancos, pergolados, espelhos d'água com fontes e esguichos. As ilustrações 15, 16 e 17 são alguns exemplos do atual estado de parte desse mobiliário.

As áreas livres, com e sem vegetação, podem ser observadas na Ilustração 18, na qual o estudo de massas é destacado em cores, demonstrando a distribuição do patrimônio vegetal.

A vegetação que a praça possui é, basicamente, dividida em dois estratos distintos: o estrato arbóreo indicado pela cor verde destaca as mangueiras como principais espécies existentes, caracterizadas por seu porte e incidência; outro estrato importante



Ilustrações 15, 16 e 17 – Pavilhão da Música Santa Helena Magno em ferro estilo art-nouveau e o Monumento à República localizado no Parque João Coelho e o Pavilhão Euterpe na Praça do Teatro da Paz. Ambos os pavilhões foram importados da Europa

Fonte: Acervo do autor



Ilustração 18 – Vista área da Praça da República com distribuição dos estratos vegetais é as áreas livres que receberam revestimento com piso hidráulico, pedra portuguesa e cimentado

Fonte: CD-ROM Ortofotos. Cadastro Técnico Multifacetário do Município de Belém – Mapas Temáticos – Companhia e Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém – Codem, 1998

se refere às áreas gramadas que também se apresentam de forma bem expressiva no espaço da praça. Encontra-se na praça o estrato arbustivo, porém, de maneira geral, as áreas gramadas se sobrepõem a estes canteiros. (ver ilustrações 19, 20 e 21).

A proposta de arborização urbana é um ponto alto do projeto da praça. Tanto no período do intendente como hoje, esta arborização ainda atende perfeitamente à idéia de salubridade preconizada no início do século 20. O conforto térmico trazido pelas generosas sombras das mangueiras e, ainda, a beleza visual que as grandes



*Ilustrações 19, 20 e 21 –
Panorama dos estratos
vegetais e das áreas
pavimentadas em três
momentos distintos do Parque
João Coelho*

Fonte: Acervo do autor





massas arbóreas desenham na paisagem, atingiu o ideal proposto pela intendência (ver Ilustração 22).

Além dos gramados que conferem à área um espaço livre não-edificado, deve-se, ainda, observar as áreas livres pavimentadas (ver ilustrações 10, 11, 12, 17 e 19), pelo piso hidráulico, pedras portuguesas ou cimentados.

As áreas livres voltadas para a recreação não são específicas. Apesar de a praça não apresentar espaços ou equipamentos voltados, exclusivamente, para a recreação ou para a prática de esportes – equipamentos de ginástica e brinquedos infantis – o que ocorre, efetivamente, é a apropriação dos espaços existentes para múltiplos usos. A praça atende ao aspecto recreativo mais freqüentemente nos fins de semana, quando a presença maciça do público infanto-juvenil ocupa os grandes gramados de forma lúdica. O público adulto ou da terceira idade se apropria do espaço para caminhadas ou mesmo realizando reuniões, inclusive, nos gramados.

Em contrapartida, o fator contemplativo, em detrimento da função recreativa, é muito mais expressivo. Esta constatação se reflete na presença, durante o decorrer da semana, de usuários que escolhem a praça para passar alguns momentos do dia entre os horários de almoço ou no final do expediente de trabalho.

Ilustração 22 – Vista panorâmica da Praça da República no final da década de 80, com destaque para a consolidação das espécies de porte arbóreo que dominam a paisagem da praça

Fonte: Acervo do autor

Durante o dia é freqüente a presença de pessoas nos bancos, áreas especificamente de estar ou nos gramados para desfrutar da tranqüilidade dos jardins ou mesmo da valorizada sombra que ameniza o rigor do clima da cidade.

Existem na Praça da República diversos pontos de leituras contemplativas da paisagem, sejam eles situados em seu espaço físico, ou então, nos prédios que se localizam em suas imediações. As imagens que os moradores ou funcionários dos prédios comerciais usufruem, causam um forte impacto de amenização visual, pois a dinâmica existente na silhueta da paisagem, entre outras coisas, destaca-se o elemento vegetal.

A grande maioria dos moradores e usuários eventuais da praça entende a mesma como elemento interador e articulador da paisagem e de seu dia-a-dia. Isso se deve ao seu entorno, que lhes transmite algum tipo de sensação sensorial de caráter positivo.

Baseados nos exercícios analíticos aqui realizados e tirando partido da conceituação de Silvio Macedo referente ao valor paisagístico, entendemos que a Praça da República consegue, hoje, conjugar os valores da excepcionalidade, do simbolismo, da afetividade e da estética. Este consenso foi calcado, principalmente, na forma como a praça é compreendida e apropriada pela sociedade e em sua importância dentro da historiografia e do desenho da paisagem de Belém atualmente.

Conclusão

Por meio desta reflexão tentamos reconhecer e categorizar alguns aspectos morfológicos que caracterizam o espaço da Praça da República, em Belém do Pará. Procuramos indicar alguns pontos importantes de sua historiografia e a relação simbólica, afetiva, funcional e ambiental que a mesma proporciona aos moradores da cidade.

A praça hoje, apesar de estar localizada em uma área central da cidade, não sofreu um processo de decadência em seu uso, o que é um fato recorrente em áreas livres públicas centrais de algumas capitais do país. Devido a diversos fatores, como a desvalorização dos imóveis residenciais e o uso de edificações para fins exclusivamente comerciais, há um certo esvaziamento dos espaços públicos e privados nos fins de semana e nos horários pós-expediente de trabalho nessas áreas centrais.

No caso específico da Praça da República, esse processo não se deu. O que notamos é uma área livre pública com uma dinâmica própria e bastante diferenciada que, ao contrário de suas congêneres, continua concentrando um fluxo intenso de pessoas em qualquer hora do dia. Entretanto, isso não significa que o espaço também não sofra problemas inerentes a sua centralidade, como a população carente, pedintes, etc.

Uma das premissas que esta análise priorizou foi identificar a estrutura morfológica básica, os padrões de parcelamento e volumetria, os conflitos ambientais, as hierarquias espaciais, os padrões de uso e a distribuição do espaço para o lazer e a recreação. A análise de cada uma dessas categorias possibilitou entender as alterações de usos do espaço e os novos programas que a mesma adquiriu desde sua construção ainda no final do século 19.

Apesar da discrepância existente entre os padrões e costumes do início do século 20 e a visão que obtivemos analisando a praça, atualmente, constatamos que alguns ideais preconizados pelo intendente Antônio Lemos ainda estão presentes na Praça da República. Talvez, o mais importante deles ainda seja o patrimônio vegetal, pois atualmente se vê consolidada nessa área da cidade a premissa de Lemos de transformar cada praça de Belém em um grande parque.

Hoje a população de Belém não dispõe apenas de uma bela e funcional área livre no centro da cidade. Ela conta com um importante símbolo histórico, que a cada novo olhar sobre a sua paisagem, reporta o observador, seja natural da cidade ou visitante, para uma fase de progresso que a cidade vivenciou entre o final do século 19 e início do século 20.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Rubens. *Antônio Lemos e as obras de melhoramentos urbanos em Belém: A Praça da República como estudo de caso*. Rio de Janeiro, 2003. Dissertação (Mestrado). PROARQ/FAU/UFRJ.
- _____. *Arborização em Belém no início do século XX* In: IX ENCONTRO NACIONAL DE ARBORIZAÇÃO URBANA. Brasília, 2001. *Anais*. Brasília, 2001.
- CRUZ, Ernesto. *História de Belém*. Belém: UFPA, 1973.
- DUARTE, Cristovão Fernandes. *Belém do Pará, na virada do século XIX: Modernidade no plano urbanístico de expansão da cidade*. Rio de Janeiro: PROURB/FAU/UFRJ, 1997.
- DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2000.
- FARIELLO, Francesco. *La arquitectura de los jardines: De la antigüedad al siglo XX*. Madri: Celeste Ediciones, 2000.
- LEMONS, Antônio José de. *O município de Belém. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém capital do Pará 1897-1902*. Belém: A. A. Silva, 1902.
- _____. *O município de Belém. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém capital do Pará 1903*. Belém: A. A. Silva, 1904.
- _____. *O município de Belém. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém capital do Pará 1904*. Belém: A. A. Silva, 1905.
- _____. *O município de Belém. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém capital do Pará 1905*. Belém: A. A. Silva, 1906.
- MACEDO, Silvio Soares. *Quadro do paisagismo no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1999.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: Visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Rio Grande do Sul: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- SALGUEIRO, Heliana Angotti. *O pensamento francês na Fundação de Belo Horizonte: Das representações às práticas*. In: SALGUEIRO, Heliana Angotti (Org.). *Cidades capitais do século XIX*. São Paulo: Edusp, 2001.
- SARGES, Maria de Nazaré. *Riquezas produzindo a belle époque*. Belém: Paka-tatu, 2000.
- _____. *Memórias do velho intendente: Antônio Lemos – 1869 - 1973*. São Paulo, Campinas. Tese (Doutorado) – Universidade de Campinas.
- SEGAWA, Hugo. *Ao amor do público – Jardins no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.
- TÂNGARI, Vera. *Um outro lado do Rio*. São Paulo, 1999. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- TERRA, Carlos Gonçalves. *O jardim no Brasil do Século XIX: Glaziou Revisitado*. Rio de Janeiro: EBA Publicações, 2001.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Vera Regina Tângari, aos professores Carlos G. Terra e Cruz do IHGB-Pará.

À Companhia e Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém – Codem – que gentilmente cedeu as imagens dos mapas temáticos e das ortofotos.